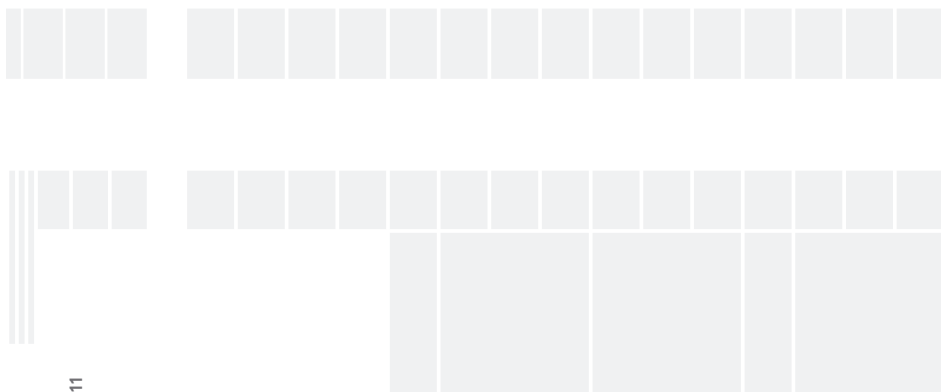




14/4/06 12:08:03

Edifício Soares & Irmão: escritórios e habitação na Rua de Ceuta, Porto

Arménio Losa e Cassiano Barbosa, 1950-1955



11

Na Rua de Ceuta, 16, no Porto, situa-se o edifício de escritórios e habitação projectado e construído entre 1950 e 1955 por Arménio Losa (1908-1988) e Cassiano Barbosa (1911-1998),¹ para a empresa Soares & Irmão.

Este edifício localiza-se numa rua singular, não só pela qualidade (diversa) das arquitecturas que a compõem mas, sobretudo, pelo tratamento planeado da rua e da sua edificação, que respeita traçado, alinhamento e cércea. Para esta situação contribuíram em especial dois factores: a elaboração por Arménio Losa, no Gabinete de Urbanização da Câmara Municipal do Porto (CMP) entre 1941 e 1942, do projecto de abertura desta rua na malha da cidade, integrada no estudo para a "Ligação Praça-Palácio";² e o facto das diversas construções que a ladeiam, apesar da variação de qualidade do seu desenho, apresentarem uma linguagem articulada por um mesmo tempo e pela circunstância modernizante dos anos cinquenta em Portugal.

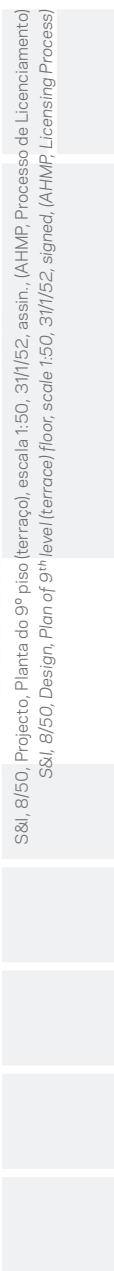
Estes factores iriam possibilitar que os lotes determinados no seu plano de abertura³ fossem projectados/edificados com grande rapidez, numa só década, reunindo exclusivamente arquitectos, onde encontramos alguns dos mais activos e empenhados na divulgação da arquitectura Moderna, como o próprio Arménio Losa, Mário Bonito e Agostinho Rica, que tinham sido membros da ODAM (Organização dos Arquitectos Modernos, 1947).⁴ No conjunto edificado na Rua de Ceuta constam ainda projectos de edifícios da autoria de Carlos Neves, Mário Ferreira, José Moura da Costa, Manuel Magalhães e Júlio Brito,⁵ apesar do seu distinto envolvimento com a linguagem e significado do Movimento Moderno.

O edifício integra assim um lugar singular na malha da cidade, excepcional pela relação entre a sua unidade e o conjunto urbano, que identifica também o momento único dos anos 50 na história da arquitectura da modernidade em Portugal.

O lote da Rua de Ceuta destinado à empresa Soares & Irmão, situa-se no gaveto com a Rua da Picaria, confrontando a Norte com o edifício da Companhia dos Telefones, com o qual mantém uma concordância de volumétrica precisa e exemplar. Trata-se de um lote/gaveto particularmente visível no percurso de subida desde a Avenida dos Aliados, devido à inflexão do eixo da Rua Ceuta relativamente à Praça Filipa de Lencastre, espaço urbano que a antecede e lhe dá acesso. Esta situação irá permitir atribuir um forte protagonismo a este gaveto da Rua de Ceuta onde se localiza o edifício Soares & Irmão, na definição dos espaços que articula (Rua da Picaria e Praça Filipa de Lencastre) e na imagem urbana que afirmativamente constrói. O reforço da sua presença urbana é também explorado na solução arquitectónica desenvolvida para a forma triangular do lote.⁶ Esta geometria do lote vai permitir tratar de forma singular o encontro no vértice/gaveto do edifício Soares & Irmão com o edifício preexistente da Companhia dos Telefones, na surpreendente conjugação dos dois edifícios pela sua aresta. Esta singularidade geométrica reforça a sua imagem urbana, com o contraste que se estabelece entre a linguagem classizante em gosto *Beaux-Arts* da Companhia dos Telefones e o sentido Moderno do edifício da empresa Soares & Irmão. Esta relação, particularmente delicada no confronto de linguagens, é estabelecida não por um compromisso mimético, mas antes pela sábia manipulação e afirmação dos recursos plásticos modernos. A fragmentação da fachada do edifício Soares & Irmão em dois planos desfasados proporciona um tratamento diferenciado de duas superfícies, possibilitando a presença junto do vértice/gaveto de uma parede fechada, lisa e clara, que deixa respirar as grandes janelas e frisos classizantes do edifício da Companhia dos Telefones, e prepara a transição para a segunda parte da fachada definida no plano mais saliente. Esta parte saliente, surge como um segundo edifício, com uma afirmação plástica autónoma e mais densa em termos compositivos de elementos da linguagem moderna, onde destacamos a grelha constituída por *brise-soleil* em lâminas de betão e de alumínio orientáveis, “*elementos funcionais de protecção contra o sol*”,⁷ e a identificação do princípio moderno da autonomia da estrutura assinalado pelos falsos *pilotis* no piso⁸ térreo, parecendo saltar a edificação do solo.

O edifício para a empresa Soares & Irmão é uma construção moderna que presta atenção à sua envolvente, respeita alinhamentos e cérceas na determinação do traçado da rua tradicional, criando os compromissos necessários para responder ao imperativo de ser Moderno e de reconhecer as condições socioculturais do seu tempo e da cidade que constrói. Este cruzamento vital entre ser Moderno e a necessidade de captar as diferentes circunstâncias que o rodeiam e moldam, irá marcar o trabalho de Arménio Losa e Cassiano Barbosa, construindo desta forma a singularidade da arquitectura portuguesa da modernidade.

O seu programa responde à instalação dos escritórios, e respectivos serviços de apoio logístico, da firma Soares & Irmão e de três habitações. Este projecto abandona pragmaticamente a ideia Moderna da separação funcional do trabalho e da habitação por edificações diferenciadas, e da sua correspondência com o zoneamento da cidade. Nele encontramos a conciliação de dois programas (escritórios e habitação), com necessidades espaciais e usos diferentes, tratados sem pôr em causa a desejada unidade formal do edifício na sua representação na cidade. Esta situação não invalida que na elaboração do seu interior sejam atendidas as características específicas das funções de trabalhar e habitar, alcançado tanto a sua conveniente segregação ou integração, bem como a sua necessária afirmação Moderna.



Devido à forte inclinação da Rua de Ceuta, o edifício permite duas entradas independentes em locais distintos (pisos 2 e 3) que tentam satisfazer um princípio de segregação de acessos para escritórios e para habitação. Esta situação só é parcialmente conseguida, uma vez que, através de uma detalhada análise das circulações, verifica-se que existe permeabilidade do acesso vertical à habitação relativamente aos escritórios. De facto, enquanto que da entrada do piso 2 se acede apenas aos escritórios, na entrada do piso 3 que seria vocacionada para as habitações, consegue-se igualmente aceder aos escritórios (embora de forma mais reservada).

Os escritórios ocupam os pisos 1 (cave), 2, 3 e 4, interligados por escada interna própria, e as habitações os pisos 5, 6, 7 e 8 (sendo que estes dois últimos pisos fazem parte da mesma habitação). O acesso vertical comum às habitações é constituído por escadas a partir do piso 3 e elevador em todos os pisos, o que vem permitir o acesso à totalidade do edifício. Assim, o piso 4 da gerência é servido simultaneamente por escadas e elevador, e o piso 1 (cave) é servido apenas por elevador. Este acesso por elevador à área dos escritórios é realizado através de um átrio próprio, que condiciona a sua utilização como acesso reservado, uma vez que a circulação dos funcionários e do público é assegurada pela sua escada interna. Esta situação evidencia que, para além da vontade em manter acessos separados para funções distintas, houve uma necessidade de flexibilização do uso, e sobretudo uma oportunidade de economia de meios na instalação de um único elevador.

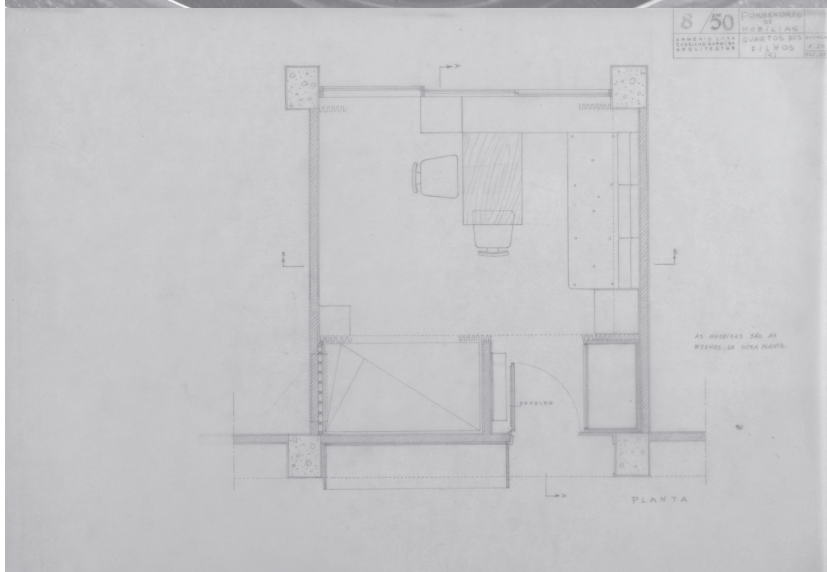
Verificamos pela observação do sistema de circulação e de distribuição do programa no edifício que estamos perante um estrutura arquitectónica complexa. Isto pode indicar-nos no projecto uma vontade de responder a solicitações concretas, a problemas de intercepções de uso, a possibilidades construtivas que traduzem o objectivo de integrar compromissos, como entendimento inerente a um lugar e a um tempo, afastando-se assim da abstracta tipificação do Moderno.

Como já referimos, na área dos escritórios os vários pisos interligam-se por escada interna. No piso 2 organiza-se a central térmica nº 1,⁹ *hall* público, expediente com balcão de atendimento, caixa, PBX, vestiários com instalações sanitárias e espaço para exposições com pé direito duplo. Este espaço expositivo prolonga-se até ao piso 3 numa galeria com varandim interior, podendo também considerar-se, que esta galeria (ou *entre-solo*) estabelece um espaço de transição para o piso superior onde se localiza a gerência. A galeria e a dupla altura a ela associada é um dispositivo espacial caro à arquitectura Moderna, ao qual é prestado particular atenção pelos arquitectos, na sua elaboração e pormenorização, como se observa pelos vários estudos presentes no processo desta obra, no Centro de Documentação de Arquitectura e Urbanismo da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (CDAU).¹⁰

No piso 4 organizam-se os serviços de apoio e recepção à gerência, bem como salas específicas para estatística, correspondência e arquivo de impressos. Neste piso verifica-se a separação das instalações sanitárias e vestiários entre gerência e pessoal. Como já referimos, é neste piso que existe uma ligação directa à escada e elevador do acesso vertical comum das habitações, que julgamos facilitar à gerência uma maior privacidade e autonomia de circulação.

Os serviços da empresa Soares & Irmão ocupam também o piso 1 situado em cave, parcialmente iluminado e ventilado pelo pequeno logradouro das traseiras, com acesso pela escada interior dos escritórios. Nele encontramos a central térmica nº 2 e cabine eléctrica, armazém, arquivo e um laboratório.

Este logradouro é servido por escada própria exterior, com passagem desde o patamar no piso 3 da escada do acesso vertical comum às habitações. Ainda atra-



8/50, Pormenores de mobílias, Quartos dos filhos (2), escala 1:20, Dez 53, (desenho a lápis sobre vegetal; 37x50 cm). CDAU



vés desta passagem tem-se acesso ao compartimento dos utensílios de limpeza e casa dos lixos onde se situa a conduta vertical para remoção do lixo doméstico.

Nos pisos superiores localizam-se três apartamentos servidos, como já referimos, por um acesso vertical comum, com elevador e escada, e entrada da rua pelo átrio no piso 3.

Nos pisos 5 e 6 localizam-se dois apartamentos, que ocupam a totalidade da área de cada piso. O seu programa consta de 3 quartos, sala comum, sala de costura e escritório, serviços (lavandaria, despejos, despensa, cozinha, copa e sanitários) e quarto de empregada. Têm entrada principal directamente ligada ao átrio do elevador, e entrada de serviço estabelecida desde o patamar das escadas.

Durante a execução do edifício o apartamento do piso 5 foi substituído por salas de trabalho para os escritórios, alteração que consta de desenho de aditamento (datado de 1953) ao projecto licenciado.¹¹ Esta modificação irá pôr em causa a autonomia inicialmente projectada das entradas e da circulação vertical no edifício, que permitia separar (mesmo que parcialmente, como vimos) o funcionamento dos escritórios da habitação.

Nos pisos 7, 8 e 9 (terraço) situa-se uma grande habitação (*triplex*) com circulação interna por escada própria, e com entradas pelos pisos 7 e 8, através do acesso vertical comum.

O piso 7, servido por uma entrada secundária directamente do patamar do elevador e com ligação à escada comum, dá acesso a um longo corredor de distribuição para seis quartos, sendo um deles o quarto principal, com quarto de vestir e instalações sanitárias próprias, para além do quarto de empregada e instalações sanitárias comuns.

No piso 8 termina o acesso vertical comum, onde se localizam a entrada principal e a entrada de serviço, respectivamente com acesso pelos patamares do elevador e da escada. Neste piso organiza-se a zona social da habitação com sala comum que se abre directamente para uma varanda reentrante (*loggia*), escritório, sala de trabalho com quarto de engomados com abertura para um pequeno terraço, e a zona de serviço.

No piso 9 (a que se acede apenas pela escada interna) situa-se o terraço/cobertura, com ampla vista sobre a cidade, onde se situam compartimentos técnicos e de apoio.

A habitação no piso 6 partilha os mesmos princípios formais de organização espacial, embora com áreas mais reduzidas na zona social e limitada a um só piso.

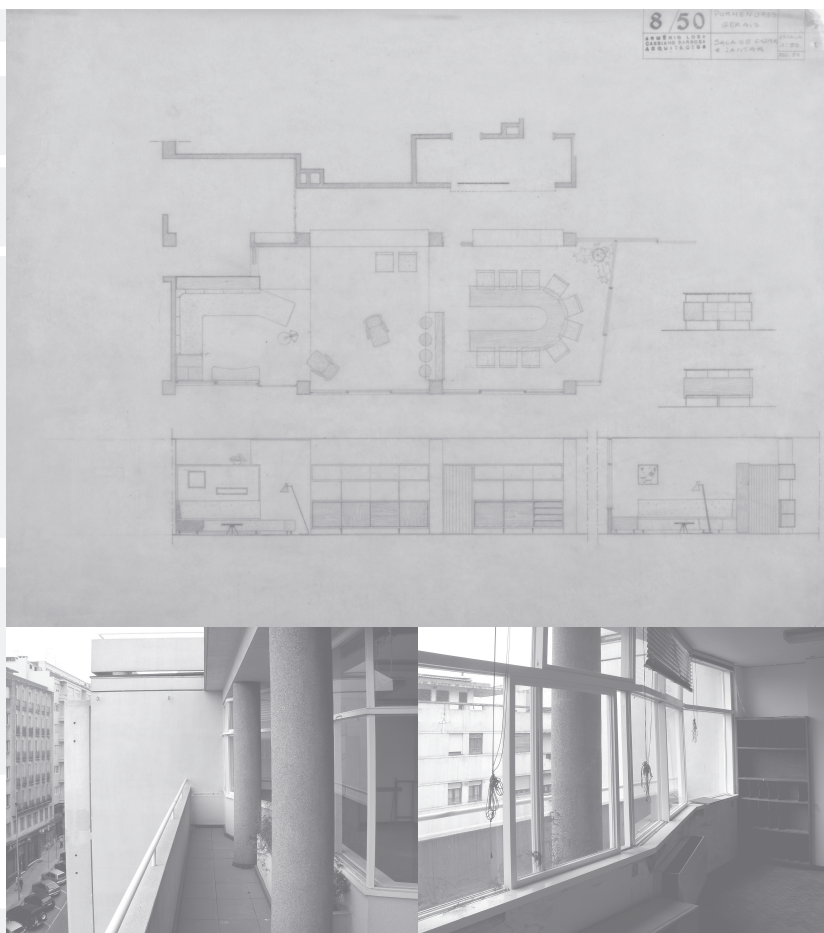
Na concepção do edifício, dos escritórios e da habitação, tem particular importância a modulação espacial resultante da definição da malha estrutural constituída por pilares e vigas. É a partir desta que se estabelece, não só a composição da grelha da fachada, mas sobretudo a definição da planta. Na compartimentação dos espaços terá a sua presença mais evidente e significativa, como factor disciplinador do desenho e do programa. Assim a modulação resultante da presença dos elementos estruturais, pilares e vigas, corresponde, não só à afirmação do princípio Moderno da *independência estrutural para uma total liberdade de organização do espaço* (e consequentemente de coordenação das infraestruturas e de eficácia construtiva), mas é também um dos factores presentes na génese da concepção espacial. Este último aspecto é particularmente significativo. Como veremos, ele parece apoiar as opções de elaboração espacial do edifício, e assim construir a



sua especificidade de ser Moderno na década cinquenta. Esta opção é particularmente clara nas habitações, podendo ser observada na continuidade das paredes divisórias dos compartimentos com as lâminas verticais da fachada que, por sua vez, mantêm correspondência com o alinhamento dos pilares e vigas aparentes no interior doméstico.

Esta observação da relação entre estrutura e modulação espacial permite introduzir o dispositivo arquitectónico que julgamos ser mais relevante na organização deste espaço doméstico, o corredor.

O corredor como dispositivo inovador de circulação, referenciado desde 1597, aceite como elemento vital na organização da casa e da nossa ideia de privacidade, passa a ser avaliado com alguma ambiguidade pela arquitectura do Movimento Moderno.¹¹ Se, por um lado, é considerado espaço perdido, não útil, sinónimo de um desenho não eficaz à luz do paradigma da continuidade espacial moderna, por outro é um dispositivo incontornável para o acesso a compartimentos repetidos extensivamente. Esta última situação é ainda acrescida do interesse moderno pela repetição, pela produção em série, pela uniformização, capaz de responder às necessidades do homem moderno. Como exemplo, podemos reparar como os mestres do Movimento Moderno estabelecem comparações entre a casa e o transatlântico



com as suas cabinas, ou entre esta e o comboio com os wagon-lits, como sistemas de produção industrializada sujeitos à repetição, e capazes de satisfazerem a necessidade moderna de conforto. O próprio Le Corbuiser (1887-1965) com Pierre Jeanneret (1896-1967) no projecto da *Maison du second type*, construída em 1927 para a exposição do *Weissenhofsiedlung* em Stuttgart, exploraram esta dualidade, entre a ideia de espaço contínuo, que faz comunicar e ligar as diferentes unidades espaciais do quarto, e a necessidade do corredor como sistema racional de distribuição e acesso privado a cada quarto/cabina.

A habitação projectada por Arménio Losa e Cassiano Barbosa no topo do edifício Soares & Irmão, e particularmente a que ocupa os três últimos pisos, é baseada numa acentuada compartimentação, estruturada por um corredor central. Esta constatação só aparentemente retira a essência moderna desta casa, confrontada entre concepções de uma organização espacial central ou linear, e entre um espaço fluído/contínuo e um conjunto de espaços compartimentados. É nesta interpretação dos elementos constitutivos da espacialidade moderna, na sua adequação às condições em que trabalham e às circunstâncias de um tempo, que os arquitectos moldam o projecto de uma especificidade essencial, que ao caracterizar a sua obra marcará a nossa modernidade.



A casa no topo do edifício (à qual me passarei a referir) tem uma organização linear baseada num corredor central de distribuição. No piso 7 organiza a repetição dos quartos voltados para a frente do edifício e os serviços para as traseiras, e no piso 8, onde o mesmo princípio se repete, organiza os diferentes compartimentos da vida social e a zona de serviços.

A repetição do módulo do quarto permite afirmar uma cadência no tratamento do espaço longitudinal do corredor, pela marcação da estrutura, das portas, de tectos mais baixos e das janelas superiores, que assinalam a entrada nos compartimentos. Os *quartos dos filhos* com 16m² (3,90mx4,10m),¹³ têm um tratamento cuidado que procura integrar espaço de dormir com espaço de estar e de trabalhar. Verificamos no vasto conjunto desenhos referente a este projecto no CDAU, constituído por dezenas de desenhos de estudo deste espaço, realizados predominantemente a lápis sobre vegetal e por vezes coloridos, que todos os equipamentos, mobiliário e detalhes construtivos do espaço do quarto são tratados como uma cabina, ou seja, onde todos os elementos estão integrados num único dispositivo, assegurando funcionalidade, conforto e privacidade. Este aspecto moderno é reflectido na forma como a cama (amovível) é tratada num nicho forrado a madeira, com tecto rebaixado e mesa de cabeceira encastrada na parede, facilmente encerrado por uma cortina que fica recolhida na parede. O armário e espelho são estudados em articulação com o espaço de entrada no quarto, associando-se ao desenho das madeiras do vão da porta que forma no seu conjunto uma antecâmara de entrada, também encerrada por uma cortina. Na sequência deste armário é desenhado um sofá com costas fixas à parede, que continua o revestimento da parede iniciado junto da porta. Também a mesa de trabalho (com várias hipóteses de localização nos estudos consultados) é encastrada na parede, assegurando com a concepção da cadeira, um desenho integral do espaço. Dos seis quartos só dois apresentam uma modulação diferente: o primeiro junto do elevador e da entrada secundária, e o último, o quarto principal, que inclui quarto de vestir e instalações sanitárias próprias. Do outro lado do corredor, voltadas para as traseiras, situam-se as instalações sanitárias, arrumos e quarto de empregada.

Esta disposição é também reflexo de uma organização espacial, funcional e social segregada, tradução de um estilo de vida tradicional desinteressado em discutir outras concepções relacionadas com um estilo de vida, e com hábitos de privacidade, higiene, conforto, na óptica de abertura radical da vida doméstica a outros sistemas de valores, como fora explorado pelas vanguardas internacionais. Esta radicalidade não poderia fazer parte da agenda da nossa modernidade na década de cinquenta, como é demonstrado em inúmeras obras e confirmado tanto pela crítica como pela história da arquitectura do século XX. Trata-se de uma circunstância complexa, válida durante a longa primeira metade do século XX português,¹⁴ que é acompanhada pela inércia bloqueadora da burguesia, e que está para além do campo da arquitectura, sulcando a cultura portuguesa.¹⁵

No piso 8 situa-se a zona social com varanda reentrante e a zona de serviço, organizadas também por um corredor central que percorre a casa desde o pequeno alargamento para átrio da entrada principal, até ao extremo oposto, onde se situa a escada interna da habitação. Se a organização compartimentada deste piso não permite uma evidente continuidade espacial como argumento moderno, tal não exclui a presença de outros sinais de uma concepção espacial atenta aos valores da modernidade, que convivem com aspectos distintivos do habitar tradicional burguês. Julgamos que o sinal mais forte desta vontade de fazer um espaço doméstico moderno pode ser observado na forma como a sala de estar e de jantar são integradas na nova ideia de sala comum, que se dilata para o espaço exterior da varanda reentrante, como seu prolongamento natural. Nas perspectivas de estudo, plantas e cortes, e nos desenhos de execução do equipamento e mobiliário da sala comum, encontramos um cuidadoso trabalho de integração do armário estante que separa este espaço do corredor.¹⁶ O seu desenho adopta o uso alternado de vãos abertos e fechados, com superfícies coloridas, que se assemelham aos sistemas modulares de móveis desenvolvidos por Jean Prouvé ou Charles e Ray Eames nos anos cinquenta.¹⁷ Em especial um dos cantos da sala com uma parede ondulante é sujeito a diversos estudos, onde são representadas soluções de ocupação do espaço, com perspectivas do seu mobiliário, equipamentos de iluminação e decoração com pintura abstracta. Também a relação da zona social com o exterior da varanda (tratada como mais um compartimento) é um factor moderno na organização da vida doméstica num apartamento, que será reforçado pelo prolongamento da escada interna até ao piso da cobertura terraço.

Mas um dos aspectos mais significativos na elaboração espacial deste piso é registado na articulação estabelecida entre a escada e a varanda reentrante. A escada de desenho circular, com particular elegância de detalhe e execução, justaposta a um janelão de vidro que percorre os três pisos da casa, tem o seu patamar neste piso em frente da caixilharia reentrante da varanda. A articulação do movimento vertical da escada com a abertura transversal entre o janelão da escada e a varanda, produz um dos locais mais luminosos da casa e ponto nodal da vida doméstica.

Na zona social da casa pode ser também considerada a presença de dois compartimentos de género, aspecto marcante do papel diferenciado entre homem e mulher, ainda presente na cena doméstica. Junto da entrada principal encontramos o escritório, espaço iminentemente masculino, e no lado oposto rematando o corredor, a sala de trabalho e engomados, papel atribuído à mulher.

A zona de serviço, localizada no lado oposto à sala comum, inclui entrada de serviço através do patamar da escada comum, cozinha, sanitários e um pequeno átrio de transição, aberto na passagem para o corredor e entrada na zona de comer. A cozinha é um compartimento extenso, com um desenvolvimento linear que serve o

seu propósito de eficiência doméstica análoga a uma linha de montagem industrial. Repare-se na sequência das quatro partes que segmentam este espaço: entrada de serviço e despejos com pequena varanda sobre as traseiras; cozinha com bancadas de trabalho paralelas onde se encontra fogão, lava loiça e frigorífico; copa com bancadas paralelas e pequeno lava loiça; e finalmente o átrio de transição para a zona de comer na sala, com frigorífico, lavatório exterior e acesso ao sanitário. O metuciloso desenho deste espaço, que procura reproduzir com exactidão os movimentos do seu funcionamento e um ritual de serviço, aproximam-no da referência paradigmática da máquina, imagem recorrente da arquitectura do Movimento Moderno.¹⁸

Ainda neste piso encontramos o desenho de alguns elementos que parecem excluir-se da ortogonalidade modulada da planta, procurando enfatizar quer a autonomia da parede relativamente à estrutura e a liberdade assim alcançada, quer resolvendo o difícil acesso do corredor central ao escritório. Assim encontramos a parede curva no acesso ao escritório que rompe a regularidade da sala, transformando-se num dos pontos mais estudados do projecto (como já referimos), o caixilho da sala de trabalho e engomados que ondula para soltar os pilares de cor azul, evidenciando-os na varanda coberta e no remate do edifício, e o banco floreira (não executado) que serpenteia o caixilho entre a varanda reentrante e o corredor.

A escada interna conduz ainda a casa para o piso g, onde se abre para um amplo terraço e *solário* privativo, que ocupa toda a superfície da cobertura do edifício. Neste piso, para além do espaço envolvente da chegada da escada, foi projectado um alpendre que cobre zonas de serviço e lavandaria, incluindo ainda arrumos e a casa da máquina do elevador. Este elemento construído, sobre a fachada da traseira direcciona o uso do terraço e o olhar para sul, sobre a magnífica vista da cidade com as suas coberturas, edifícios e torres.

22

- 1 A obtenção da data da morte de Cassiano Barbosa foi possível através dos contactos gentilmente realizados pela arquitecta Madalena Silva.
- 2 FERNANDES, Francisco Barata, PINTO, Rui, "Rua de Ceuta", in J. Figueira, P. Providência, N. Grande (org.), Porto 1901-2001, Guia de arquitectura moderna, Ordem dos Arquitectos SRN, Civilização, Porto, 2001
- 3 Na Memória Descritiva apresentada na CMP, datada de 17 de Abril de 1951 é referido que o edifício para a firma Soares & Irmão será construído "no terreno adquirido em hasta pública-talhão nº3 da rua de Ceuta, ampliado depois com a integração de terreno contíguo, de forma irregular e de escassa superfície." O mesmo documento é carimbado com Aprovado em 26 de Março de 1952. (Arquivo Histórico Municipal do Porto, AHMP)
- 4 BARBOSA, Cassiano (org), ODAM - Organização dos Arquitectos Modernos - Porto, 1947-52, Asa, Porto, 1972
- 5 FERNANDES, Francisco Barata, PINTO, Rui, op. cit.
- 6 MENDES, Manuel, "Edifício de escritórios e habitação da firma «Soares & Irmão»", in A. Becker, A. Tostões, W. Wang (org.), Portugal: Arquitectura do século XX, Prestel, Lisboa, 1997, p.207
- 7 Como é referido na Memória Descritiva apresentada na CMP. (AHMP)
- 8 Foi adoptado o sistema de indicação dos níveis da construção por pisos (e não andares), tal como é utilizado nos desenhos pelos projectistas. A utilização do termo piso traduz igualmente o espírito racionalista do projecto e dos seus autores.
- 9 Nas plantas do Aditamento ao projecto datado de 1953, o espaço para central térmica nº 1 é substituído pela casa forte. Arquivo de Arménio Losa (CDAU).
- 10 O arquivo de Arménio Losa encontra-se no Centro de Documentação de Arquitectura e Urbanismo da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (CDAU), estando numa fase inicial de tratamento. Por este motivo existem desenhos ainda não referenciados e classificados. A consulta no CDAU do processo do edifício da Rua de Ceuta e a reprodução dos desenhos agora publicados, foi possível pelo empenho do seu responsável, Professor Manuel Mendes, e pelo profissionalismo de Teresa Godinho, aos quais manifesto o meu agradecimento.
- 11 Arquivo de Arménio Losa (CDAU).
- 12 O corredor como espaço monofuncional, destinado unicamente à circulação, é inicialmente registado em 1597, no projecto de John Thorpe (1563-1655) para Beaufort House, onde surge como garantia, não só de maior privacidade e estímulo a uma nova noção de vida íntima dos seus habitantes, mas igualmente, como possibilidade arquitectónica de cada compartimento desenvolver a sua especificidade em moldes nunca considerados anteriormente. Esta constatação é verificada por diversos investigadores, dos quais salientamos: LLOYD, Nathaniel, A History of the English House: from Primitive Times to the Victorian Period, (1931), The

Esta casa no topo do edifício, ocupando na totalidade os três últimos pisos, tal como a iniciativa de Soares & Irmão de construir um edifício Moderno é significativa da aspiração cosmopolita e burguesa pelo novo, e da arte de viver na cidade (de habitar e trabalhar) que na década de cinquenta tinha ali o seu centro.

O edifício Soares & Irmão revela-nos uma arquitectura lúcida que marca a obra de Arménio Losa e Cassiano Barbosa, que sem relegar quer o Moderno, quer os imperativos de uma leitura profunda das circunstâncias da sua produção, confere à construção uma inegável adaptabilidade entre as condições locais de habitar e trabalhar e o conforto do espaço moderno. Na década de cinquenta a obra destes arquitectos construía a nossa tradição Moderna, assinalando já a incomodidade face à sua ortodoxia, que mais tarde viria a ser abertamente criticada. A hibridez da sua obra é também sinal de uma leitura sensível da realidade portuguesa nos meados do século XX caracterizada tanto, pelo imobilismo sociocultural da burguesia, como, pela generalizada degradação das condições de vida do povo.

Rui Ramos

Architectural Press, Londres, 1949, p.20-21, fig.135-136

SUMMERSON, John (ed.), *The Book of Architecture of John Thorpe in Sir John Soane's Museum*, in *The Walpole Society*, vol. 40, Robert Maclehose and Company Limited, Glasgow, 1966, p.63, fig.63-64

EVANS, Robin, "Figures, Doors and Passages", (1978), in *Translations from Drawing to Building and Other Essays*, Architectural Association, Londres, 1997, p.55-91

13 Dimensões obtidas através do desenho [des.3] do arquivo de Arménio Losa (CDAU)

14 PEREIRA, Paulo, *2000 anos de arte em Portugal*, Temas e Debates e Autores, Lisboa, 1999

15 Diversos autores como Nuno Portas, Paulo Pereira, Lucília Verdelho da Costa, Paulo Varela Gomes e Raquel Henriques da Silva constataam a multiplicidade desta situação. Distinguímos José-Augusto França como referência central para o estudo desta condição da sociedade portuguesa do século XIX e XX. Entre outros ver: FRANÇA, José-Augusto, *O Romantismo em Portugal: estudo de factos socioculturais*, (1974), Livros Horizonte, Lisboa, 1993

16 Arquivo de Arménio Losa (CDAU). Ver nomeadamente o desenho a lápis AL/075-25, planta e corte parcial, à escala 1/50, da zona da sala comum, onde é representado mobiliário, equipamentos de iluminação, armário estante divisória e decoração.

17 Na década de cinquenta Prouvé desenvolvia uma série de sistemas modulares de estantes/armário/divisória com base no desenho de La Bibliothèque (1950), que foi sucessivamente adaptado para equipar os diferentes edifícios em que intervinha. Na mesma época os Eames desenhavam a primeira Storage Unit (1950).

SEGUIN, Jousse, NAVARRA, Enrico (edit.), Jean Prouvé, *Galerie Jouse Seguin*, Paris, 1998

ROMANUS, Thorsten (coord.), Jean Prouvé, Charles & Ray Eames: *Two great constructors. Parallels and differences*, Vitra, 2002

18 A formulação da ideia de "machine à habiter" é habitualmente atribuída a Le Corbusier, constituindo de facto um dos aspectos centrais do seu discurso reformador, sobre a concepção da casa para o homem moderno. Contudo, esta ideia já anteriormente tinha sido expressa em outros discursos de reforma da habitação, como espaço onde o homem se realiza. Uma das referências mais remotas deve-se a Horatio Greenough (1805-1852) em "American Architecture" (1843), onde não aceita resumir a função dos edifícios a formas preconcebidas, devendo as suas relações de uso manifestar-se na arquitectura.

GREENOUGH, Horatio, "American Architecture", (1843), in Harold A. Small (ed.), *Form and Function: Remarks on art, design, and architecture*, University of California Press, Los Angeles, 1958, p.51-68



The Soares & Irmão Building: offices and homes in Rua de Ceuta, Oporto

Arménio Losa and Cassiano Barbosa, 1950-1955

At 16, Rua de Ceuta, in Oporto, there is a building containing offices and homes designed and built between 1950 and 1955 by Arménio Losa (1908-1988) and Cassiano Barbosa (1911-1998),¹ for the Soares & Irmão company.

Rua de Ceuta is a particularly interesting street, not just because of the (diverse) quality of its architecture, but mainly due to the way in which it was planned and built, in terms of layout, alignment and design. Two factors played a major part in this. Arménio Losa's project for making the street within the fabric of the city, drawn up in the Urbanization Office of Oporto City Hall (CMP) between 1941 and 1942, became part of the "Praça-Palácio Connection" study.² Furthermore, it was flanked by various constructions that, in spite of the variation in design quality, show a language articulated by the common time and modernising circumstances of the 1950s in Portugal.

These factors would enable the lots defined in his plan for the making of the street³ to be designed and built very swiftly, in just a decade. The architects assembled for the task included some of those most active and committed to spreading modern architecture, such as Arménio Losa himself, Mário Bonito and Agostinho Rica, who had been members of ODAM (the Organization of Modern Architects, 1947).⁴ The Rua de Ceuta Project includes designs by Carlos Neves, Mário Ferreira, José Moura da Costa, Manuel Magalhães and Júlio Brito,⁵ despite different degrees of involvement with the language and meaning of the Modern Movement.

Arménio Losa and Cassiano Barbosa's building has, therefore, a particular place in the fabric of the city. The relationship between the unity of the building and the urban whole is exceptional, and indicative of how important a role the 1950s played in modern Portuguese architecture.

The Rua de Ceuta lot, destined for Soares & Irmão, is set on the corner with Rua da Picaria, beside the Companhia dos Telefones' building to the North, and blending with it perfectly in volumetric terms. This is a lot/corner building, which is clearly visible when going down Avenida dos Aliados, due to the inflection of the Rua de Ceuta axis in relation to Praça Filipa de Lencastre, which comes before and leads onto it. This situation puts this corner of Rua de Ceuta, the location of the Soares & Irmão building, in particular relief, by defining the articulated spaces (Rua da Picaria and Praça Filipa de Lencastre) and the urban image that it constructs so affirmatively. The underlining of its urban presence is also explored through the architectural solution developed for the lot's triangular shape.⁶ This geometry allows for unusual treatment of the meeting between the vertex and corner of the Soares & Irmão building with that of the already existing Companhia dos Telefones: the edges of the two buildings are joined strangely together. This singular geometry, reinforcing its urban image, through the contrast it establishes between the classicising language of the Beaux-Arts Companhia dos Telefones and the modern feel of the Soares & Irmão building. The particularly delicate relationship between these languages is established not by mimetic compromise, but rather by the wise manipulation and affirmation of modern plastic resources. The fragmentation of the Soares & Irmão façade in two unequal planes means the two surfaces can to be treated in different ways. So there is a smooth, clear closed wall at the vertex/corner, which allows for the large windows and classicising friezes of the Companhia dos Telefones, whilst preparing the transition into the second part of the façade defined on the most prominent plane. This prominent part, appears as a second building, making its own plastic statement and compositionally denser in terms of modern language

features, for example, the grill made up of *brise-soleil* in concrete and moveable aluminium fins, “*functional elements giving protection from the sun*”,⁷ with the modern principle of structural autonomy shown by the false pilotis on the ground level,⁸ seeming to free the building from the earth.

The Soares & Irmão building is a modern construction. Aware of its surroundings, it respects alignments and design in terms of the traditional street's outline, creating the compromises required to answer the Modern call, whilst acknowledging the socio-cultural conditions of the time and city in which it has been built. This vital cross between being Modern and the need to encompass the different circumstances that have surrounded and moulded it became the hallmark of Arménio Rosa and Cassiano Barbosa's work, producing the singularity of modern Portuguese architecture.

The building programme installed offices, and the respective logistic support services for Soares & Irmão, and three homes. This project pragmatically abandons the Modern idea of the functional separation of work and homes through differentiated buildings, and zoning of the city. It represents reconciliation between the two programmes (offices and homes), different both spatially and in terms of use, dealt with without questioning the desired formal unity of the building as it appears in the city. This situation does not invalidate the fact that when planning the interior, the specific characteristics of working and living were considered, achieving the right degree of segregation and integration, as well as the necessary Modern affirmation.

Due to Rua de Ceuta's strong inclination, the building has two independent entrances in different places (on the 2nd and 3rd levels), in the attempt to satisfy the principle of segregating access to the offices and accommodation. This is only partially achieved, since a detailed circulation analysis shows that there is vertical access to the homes from the offices. In fact, whilst from the 2nd level entrance one can only go to the offices, at the 3rd level entrance that was just for the homes, one can also get to the offices (although more discreetly).

The offices are on the 1st (the basement), 2nd, 3rd and 4th levels, interlinked by their own inner staircase. The accommodation is on the 5th, 6th, 7th and 8th levels (with the last two being part of the same accommodation). The common vertical access to the homes is by stairs, from the 3rd level, and lifts on all levels, giving access to the whole building. Therefore, the management on the 4th level is served by both stairs and lift, and the 1st level (the basement) is only served by the lift. This access by lift to the office area is through a particular entrance, making it a restricted area, since the circulation of the employees and general public is guaranteed by the inner staircase. This situation shows, in addition to the will to keep access separate for distinct functions, that there was a need for flexibility in use and, above all, a chance to economise by installing only one lift.

We can see through observing the circulation and distribution system of the construction programme that we are dealing with an architecturally complex building. This perhaps shows the will, within the Project, to respond to concrete demands, to problems of interceptions of use, and to building possibilities, that ultimately aim at integrating compromises, as in the inherent understanding of a time and place, distancing itself from the Modern abstract type.

As has been said, the various levels are connected by an inner staircase in the office area. The n° 1 central thermal heating unit is on the 2nd level,⁹ the public hall, which

has a reception desk, cashier's desk, switchboard, cloakroom with toilet facilities and a space for exhibitions whose ceiling is double the height of the other rooms. This exhibition space continues up to the 3rd level into a gallery with an enclosed balcony. The gallery (or mezzanine) could also be seen as establishing a transitional space on the upper level, where the management is located. The gallery and its double height is a spatial device dear to Modern architecture, and to which particular attention was paid by the architects when drawing up the details, as can be seen from the various studies to be found in the file on this work, at the Centro de Documentação de Arquitectura e Urbanismo da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (CDAU).¹⁰

On the 4th level there are the management's support and reception services, as well as specific rooms for statistics, correspondence and printed material archives. This level clearly shows the separation of the toilet facilities and cloakrooms between management and staff. As was mentioned above, the level has a direct connection by staircase and lift to the vertical access shared by the homes, giving the management greater privacy and independent circulation.

The Soares & Irmão services are also on the 1st level, situated in the basement, partially lit and ventilated by the small courtyard at the rear, reached by the office inner staircase. Here we find the n° 2 central thermal heating unit and the electric generator, warehouse, archive and a laboratory.

This small courtyard is served by its own external staircase, going from the 3rd level landing to the vertical access staircase shared by the various homes. This passage also gives access to the storeroom for cleaning equipment and waste disposal unit with a chute for the removal of the domestic rubbish.

27

There are three homes on the upper levels served, as mentioned above, by a lift and staircase, and a street entrance through the hall on the 3rd level.

The 5th and 6th levels have two homes, each occupying a whole level. These homes have three bedrooms, a common room, sewing room and study, as well as service areas (laundry, rubbish chutes, larder, kitchen, pantry and bathrooms) and a maid's room. Their main entrance is directly connected to the lift area, and the service entrance is on the staircase landing.

During the building work, the 5th level home was replaced by workrooms for the offices, an alteration that was added to the licensed project design (dated 1953).¹¹ This modification would put the initially projected independence of the entrances and vertical circulation of the building in question, which allowed for the separation (at least partially, as we have seen) of the offices and the homes.

On the 7th, 8th and 9th (terrace) levels, there is a triplex with internal circulation by way of its own staircase, and with entrances on the 7th and 8th levels, through the shared vertical access.

The 7th level, served by a secondary entrance directly from the lift landing and connected to the shared staircase, has a long distribution corridor for six bedrooms, one of them being the main bedroom, with a dressing room and bathroom, in addition to a maid's room and shared bathroom.

The common vertical access finishes on the 8th level, where there is the main entrance and service entrance, with access through the lift and staircase landings respectively. On this level, there is the social area with a common room opening directly onto a loggia, study, workroom with laundry room, which has access to a small terrace, and a service area.

On the 9th level (which is reached only by the internal staircase), there is the terrace/roof, with a broad view over the city, where the technical and support services are to be found.

The 6th level accommodation shares the same formal and spatial organisational principles, although the social area is small and limited to a single level.

In the conception of the building, the offices and accommodation have a particular importance for the spatial modulation coming from the definition of the structural mesh constituted by pillars and beams. This is the basis for the establishment of not only the grill composition of the façade, but also the plan definition. In the compartmentalisation of spaces, its presence as a disciplining factor of the design and programme is clearer and more significant. The modulation, therefore, coming from the presence of structural elements, pillars and beams, not only corresponds to the affirmation of the Modern principle of *structural independence towards a total freedom of spatial organisation* (and, consequently, of infrastructure co-ordination and construction efficiency), but is also one of the factors present in the origin of the spatial conception. This last aspect is particularly significant. As we shall see, it seems to support the spatial development options for the building, thus answering the 1950s call to be Modern. The option is particularly clear in the homes, and can be seen in the continuity of the dividing walls of the compartment with the vertical strips of the façade that, in turn, correspond to the alignment of the pillars and beams visible in the domestic interior.

This observation of the relationship between structure and spatial modulation, allows for the introduction of the architectural device, which we believe to be the most important in organising this domestic space, the corridor.

The corridor as an innovative circulation device, mentioned as far back as 1597, accepted as a vital element in the organisation of the home and our idea of privacy, was given a rather ambiguous assessment by the architecture of the Modern Movement. If, on the one hand, it is considered lost, useless space, synonymous with inefficient design in the light of the paradigmatic modern spatial continuity; on the other, it is an irreplaceable device for access into extensively repeated compartments. The latter situation is accentuated by the modern interest in repetition, mass production and uniformity, capable of answering the needs of modern society. For example, we can see how the masters of the Modern Movement compared the house with the ocean liner and its cabins, or with the train and its *wagon-lits*, as systems of repetitive industrialised production, able to satisfy the modern need for comfort. Le Corbuiser (1887-1965) himself and Pierre Jeanneret (1896-1967), in the design of the *Maison du second type*, built in 1927 for the *Weissenhofsiedlung* exhibition in Stuttgart, explored this duality between the idea of the continuous space, which communicates between and connects the different spatial bedroom units, and the necessity of the corridor as a system for rational distribution and private access to each bedroom or cabin.

The homes designed by Arménio Losa and Cassiano Barbosa at the top of the Soares & Irmão building, and particularly that occupying the last three levels, is based on accentuated compartmentalisation, and structured by a central corridor. That fact only apparently withdraws the modern essence from this home, confronted by conceptions of a central or linear spatial organisation, as well as a fluid/continuous space and group of compartmentalised spaces. It is in this interpretation of constituent elements of modern spatiality, in its adapting to the conditions in which they work and the circumstances of a time, that the architects mould the



project with essential specificity, which in characterising their work, has marked our modernity.

The home at the top of the building (which I shall now move onto) is linear, based on a central distribution corridor. The 7th level organises the repetition of bedrooms facing the front of the building and the services at the rear. The 8th level, where the same principle is repeated, organises the different compartments of social life and service areas.

The repetition of the bedroom module underlines a cadence in the treatment of the longitudinal corridor space, through the marking of the structure, doors, lower ceilings and higher windows, signalling entrances into the compartments. In the 16m² (3.90m x 4.10m)¹³ children's bedrooms, there is great care to integrate sleeping space with living and working space. In the vast group of designs at CDAU concerning this project, made up of dozens of drawn studies of the space, mainly done in pencil on vegetal paper and sometimes in colour, we can see that all the appliances, furniture and constructive details of the bedroom space are dealt with like a cabin, or rather, where all the elements are integrated in a single device, guaranteeing functionality, comfort and privacy. This modern aspect is reflected in the way in which the bed (moveable) is in a wood-lined niche, with a lowered ceiling and bedside table set in the wall, easily closed off by a curtain attached to the wall. The wardrobe is articulated with the bedroom entrance area, associated to the wood design of the doorway that, as a whole, forms an entrance antechamber, also enclosed by a curtain. In keeping with this wardrobe, an armchair has been designed with its back fixed to the wall, which continues the wall decoration begun beside the door. The work desk (which the studies referred to put in various possible locations)

is also set against the wall, ensuring integrated spatial design through the chair's conception. Of the six bedrooms, only two have a different modulation: the first is next to the lift and the secondary entrance, and the last, the main bedroom, which includes a dressing room and its own bathroom. On the other side of the corridor, turned to the rear, are the bathrooms, storage units and maid's room.

This arrangement is also the result of a spatial, functional and socially segregated organisation. Here we have a traditional lifestyle uninterested in discussing other conceptions of lifestyle, habits of privacy, hygiene, comfort, from the viewpoint of a radical opening of home life to other value systems, such as those explored by the international avant-garde. Such radicalness could not be on the agenda of 1950s Portuguese modernity, as shown through numerous works and confirmed by criticism as much as through 20th century architectural history. It is a complex circumstance, valid throughout the first half of the 20th century in Portugal,¹⁴ which was accompanied by blocking bourgeois inertia, and goes beyond the architectural field, ploughing Portuguese culture.¹⁵

On the 8th level there is a social area with a loggia and service area, also organised by a central corridor running along the home from the slight widening for the main entrance hall, until the other end, where there is the home's internal staircase. If the compartmentalised organisation of this level does not allow for clear, spatial continuity according to modern principles, other signs of modern spatial conception are not excluded, living side by side with distinctive aspects of traditional bourgeois accommodation. The clearest evidence of this desire to produce a modern domestic space is in the way the living and dining rooms are integrated in the new idea of a common room, which spreads into the exterior space of the loggia, as a natural extension. From the perspectives of the studies, plans and sections, as well as the execution designs of the common room appliances and furniture, there has been careful work to integrate the bookcase, separating this space from the corridor.¹⁶ Its design adopts the alternate use of open and closed bays, with coloured surfaces, resembling the modular furniture systems developed by Jean Prouvé or Charles and Ray Eames in the 50s.¹⁷ One of the corners of the room with an undulating wall has been subject to diverse studies, where solutions for occupying the space are presented, in terms of furniture, light fittings and abstract painting decoration. Furthermore, the relationship between the social area and the exterior balcony (dealt with as another compartment) is a modern factor in the organisation of an apartment's home life, which will be reinforced by the extension of the internal staircase up to the terrace roofing.

One of the most significant aspects in the planning of space on this level, however, is in the way the staircase and the loggia are connected. The circular staircase, with its particularly elegant detail and execution, juxtaposes a large glass window that travels the length of the house's three levels, has its landing on this level in front of the loggia framing. The linking of the vertical staircase with the transversal opening between the large stair window and the balcony produces one of the best-lit areas of the home and the centre of domestic life.

We should also consider the two gender compartments in the social area of the house, significant through the different roles played by a man and a woman, still present on the domestic scene. Beside the main entrance we have the study, an eminently masculine space, and on the opposite side at the end of the corridor, the work and laundry room, the traditional woman's space.

The service area, on the side opposite the common room, includes a service entrance through the shared staircase landing, kitchen, toilets and a small passage-

way, opening onto the corridor and eating area. The kitchen is large, and its linear development serves for domestic efficiency comparable to a production line. The space is divided into four parts: a service entrance and waste disposal unit with a small balcony overlooking the rear of the building; a kitchen with parallel work surfaces and an oven, sink and fridge; a pantry with parallel surfaces and a small sink and, finally, the passageway into the dining area, with a fridge, exterior wash stand and access to the toilet. The meticulous design of this space, aiming to reproduce exactly the movements of its functioning and a service ritual, comes close to the paradigm of the machine, a recurrent image in Modernist architecture.¹⁸

On this level, we also find some elements whose design is not in keeping with the right-angled nature of the plan, seeking to emphasise both the autonomy of the wall relative to the structure and the resultant freedom, as well as solving the access problem from the central corridor into the study. There is, therefore, the curving wall at the access to the study, breaking the regularity of the room, and transforming itself into one of the most closely studied areas of the project (as mentioned above); the framing of the work and laundry room, which undulates to release the blue pillars, highlighting them on the covered balcony and top of the building, and the flower pot bench (not built) would have threaded its way through the framing between the inner balcony and corridor.

The inner staircase leads to the 9th level, which opens onto a broad terrace and private solarium, covering the entire surface of the building's roof. On this level, in addition to the space surrounding the staircase, a porch was designed covering the service and laundry areas, including storage units and lift machine room. This constructed element, above the rear façade directs the use of the terrace and our gaze towards the south, to magnificent view of the city with its roofs, buildings and towers.

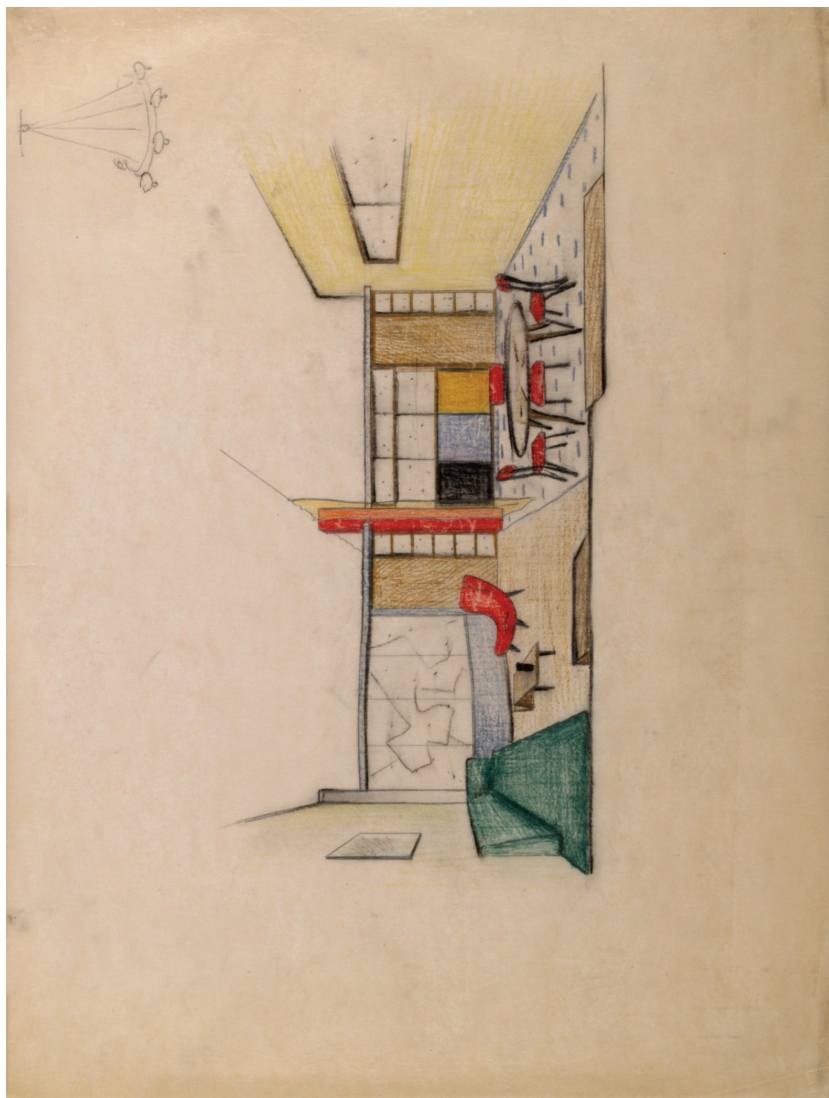
This home at the top of the building, completely filling the last three levels, just like Soares & Irmão's initiative in constructing a Modern building, clearly shows the cosmopolitan and bourgeois aspirations for the new, and the art of living in the city (living and working) which had its centre there in the 1950s.

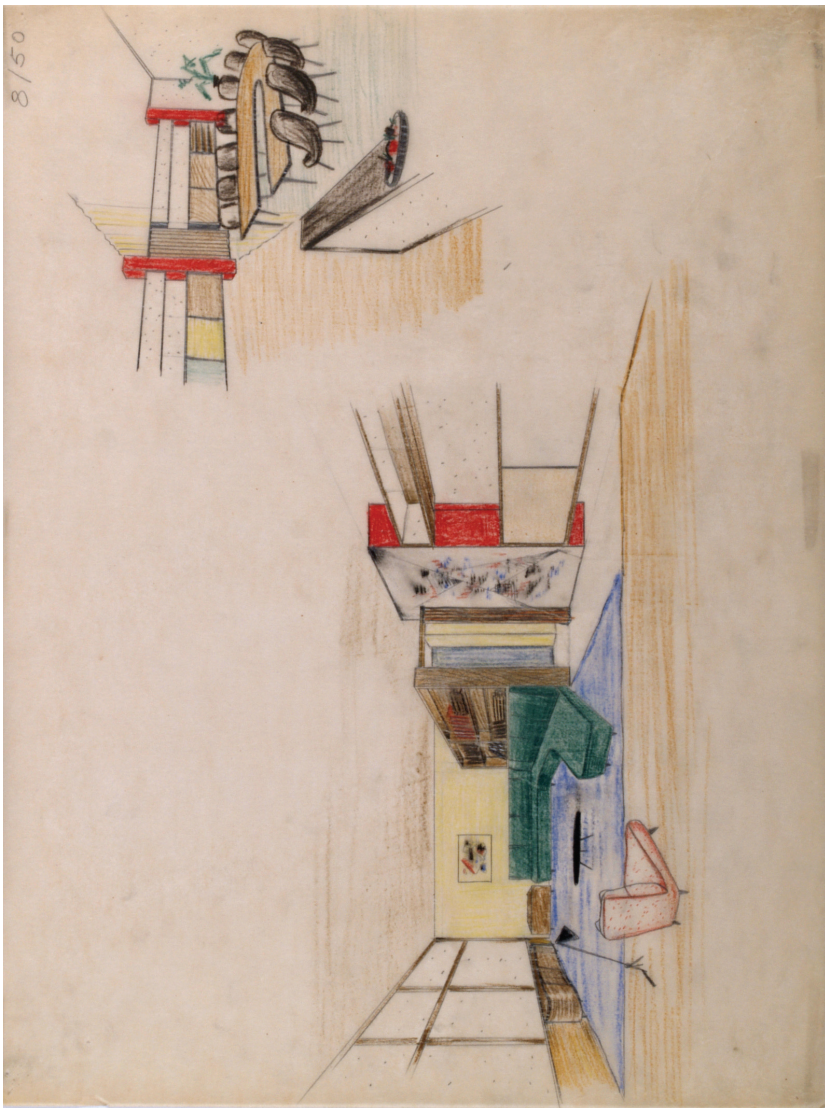
The Soares & Irmão building shows us the distinctive, lucid architecture of Arménio Losa and Cassiano Barbosa's work which, whilst neither relegating the Modern, nor the demands of a profound reading of the circumstances in which it was produced, gives the building unparalleled adaptability in terms of working and living conditions, as well as the comfort of the modern space. In the 50s, the work of these architects would construct our Modern tradition, already showing some discomfort with modern orthodoxy, which later would be openly criticised. The hybrid nature of their work also signals a sensitive reading of Portuguese mid 20th century life, characterised as much by the socio-cultural immobility of the bourgeoisie, as the general decline in the living conditions of the people.

Rui Ramos

- 1 The date of Cassiano Barbosa's death was obtained through the generous assistance of Madalena Silva (architect).
- 2 FERNANDES, Francisco Barata, PINTO, Rui, "Rua de Ceuta", in J. Figueira, P. Providência, N. Grande (org.), Porto 1901-2001, Guia de arquitectura moderna, Ordem dos Arquitectos SRN, Civilização, Oporto, 2001
- 3 The description presented at CMP, dated 17th April 1951, states that the building for Soares & Irmão will be built "on land acquired at public auction-plot nº3 Rua de Ceuta, later increased by the inclusion of adjacent land, irregular in form and sparse in terms of surface area." This document was given the seal of approval on 26th March 1952. (Arquivo Histórico Municipal do Porto, AHMP)
- 4 BARBOSA, Cassiano (org), ODA – Organização dos Arquitectos Modernos – Porto, 1947-52, Asa, Oporto, 1972
- 5 FERNANDES, Francisco Barata, PINTO, Rui, op. cit.
- 6 MENDES, Manuel, "Edifício de escritórios e habitação da firma «Soares & Irmão»," in A. Becker, A. Tostões, W. Wang (org.), Portugal: Arquitectura do século XX, Prestel, Lisbon, 1997, p.207
- 7 As stated in the description presented at CMP. (AHMP)
- 8 This text adopts the word 'level' instead of 'floor' or 'storey', in keeping with the term used by the designers. It also conveys the rationalist spirit of the project and its architects.
- 9 In the plans for the addition to the Project, dated 1953, the space for the nº1 central thermal heating unit is replaced by the vault. Arquivo de Arménio Losa (CDAU).
- 10 The Arménio Losa archive is now at the Centro de Documentação de Arquitectura e Urbanismo da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (CDAU), although work on it is still at an early stage. This is why the drawings are not yet listed and classified.
Our research, through the archive at CDAU, of the Rua de Ceuta building and the reproduction of the drawings now published, was made possible through the efforts of Professor Manuel Mendes, responsible for the archive, and the professionalism of Teresa Godinho, both of whom I wish to thank wholeheartedly.
- 11 Arquivo de Arménio Losa (CDAU).
- 12 The corridor as a mono-functional space, aimed solely at circulation, is first recorded in 1597, in John Thorpe's (1563-1655) project for Beaufort House, where it appears as a guarantee, not only of greater privacy, stimulating a new idea of a private life for its inhabitants, but also as an architectural possibility that each compartment might develop its own identity in moulds never previously considered. This fact has been verified by various researchers, in particular:
LLOYD, Nathaniel, A History of the English House: from Primitive Times to the Victorian Period, (1931), The Architectural Press, London, 1949, p.20-21, fig.135-136
SUMMERSON, John (ed.), The Book of Architecture of John Thorpe in Sir John Soane's Museum, in The Walpole Society, vol. 40, Robert Maclehorse and Company Limited, Glasgow, 1966, p.63, fig.63-64
EVANS, Robin, "Figures, Doors and Passages", (1978), in Translations from Drawing to Building and Other Essays, Architectural Association, London, 1997, p.55-91
- 13 Dimensions obtained through the drawing [des.3] in the Arménio Losa archive (CDAU)
- 14 PEREIRA, Paulo, 2000 anos de arte em Portugal, Temas e Debates e Autores, Lisbon, 1999
- 15 Various authors such as Nuno Portas, Paulo Pereira, Lucília Verdelho da Costa, Paulo Varela Gomes and Raquel Henriques da Silva have underlined the frequency of this situation. The work of José-Augusto França is central to the study of this condition in 19th and 20th Portuguese society. Also see, among others:
FRANÇA, José-Augusto, O Romantismo em Portugal: estudo de factos socioculturais, (1974), Livros Horizonte, Lisbon, 1993
- 16 Arquivo de Arménio Losa (CDAU). See, in particular, pencil drawing AL/075-25; a plan and partial section, scale 1:50, of the common room area, where the furniture, light fittings, bookcase and decoration are all depicted.
- 17 In the 1950s, Prouvé produced a series of modular systems for stands/wardrobes/divisions based on the drawing, La Bibliothèque (1950), which was successively adapted for fittings in the different buildings he worked on. In the same period, the Eames designed their first Storage Unit (1950).
SEGUIN, Jousse, NAVARRA, Enrico (edit.), Jean Prouvé, Galerie Jouse Seguin, Paris, 1998
ROMANUS, Thorsten (coord.), Jean Prouvé, Charles & Ray Eames: Two great constructors. Parallels and differences, Vitra, 2002
- 18 The formulation of the "machine à habiter" idea is usually attributed to Le Corbusier, and is a central aspect of his reforming discourse on the conception of modern man's house. However, this idea had already been expressed in other discourses on the reform of modern homes, as a space where man can be fulfilled. One of the earliest references is Horatio Greenough (1805-1852) in "American Architecture" (1843), where he refuses to reduce the function of buildings to preconceived forms, arguing that the use of a building should be shown through its architecture.
GREENOUGH, Horatio, "American Architecture", (1843), in Harold A. Small (ed.), Form and Function: Remarks on art, design, and architecture, University of California Press, Los Angeles, 1958, p.51-68

8/50, [sala de esta e jantar, perspectivas], s.d., (desenho a lápis de cor sobre vegetal; 37x50 cm). CDAU
8/50, [living and dining room, perspectives], undated, (coloured pencil drawing on vegetal paper; 37x50 cm). CDAU





[sala comum, perspectivas], s.d., (desenho a lápis de cor sobre vegetal; 37x50 cm). CDAU
 [common room, perspectives], undated, (coloured pencil drawing on vegetal paper; 37x50 cm). CDAU